

OS ARARA DO LARANJAL: UMA VISÃO A PARTIR DO IRIRI, DO OUTRO LADO DA BARRAGEM

Eduardo Henrique Capeli Belezini¹

“É para agradar Arara que branco tá mandando presente”. Foi esta a afirmação que me intrigou quando cheguei pela primeira vez na aldeia Arara Laranjal, enquanto via caixas e mais caixas sendo abertas e seus conteúdos distribuídos para toda a comunidade. Havia de tudo nas caixas: comida, artigos para caça e pesca, ferramentas para o trabalho na roça, panelas, toalhas, mosquiteiros, redes de dormir. O cenário depois da distribuição era de embalagens rasgadas e largadas em todo o redor, mães dando bolachas para as crianças, e troca de olhares desconfiados entre os grupos distintos de mulheres que ficavam na frente da farmácia, local onde foram distribuídos os presentes da Norte Energia. Este foi o estranho cenário com que me deparei na minha primeira semana de campo, em 2010.

As caixas vinham da Norte Energia S.A., pelo Plano Emergencial acordado com a Fundação Nacional do Índio (Funai) tendo em vista os impactos já sentidos na região e o fato de que os programas de

¹ Pesquisador do Observatório da Educação Escolar Indígena da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) o financiamento para a pesquisa de campo que tem por objeto a educação escolar na aldeia do Laranjal, cujas estadias em campo me permitiram fazer estas reflexões.

compensação e mitigação não haviam sido iniciados. Pelo Plano Emergencial, cada aldeia tem mensalmente uma cota de R\$ 30 mil para gastar por mês, o que à época faziam por meio de listas intermediadas pela Funai e compradas no mercado local pelas equipes da Norte Energia. Assim, mensalmente chegam às aldeias caixas e mais caixas de comida, roupas, utensílios de casa e para atividades produtivas, etc., “para agradar o índio”. É essa afirmação, que parece resumir muito do que os Arara do Laranjal pensam sobre Belo Monte e, em geral, sobre os diversos não indígenas com que têm lidado correntemente, que tento entender neste texto.

1. HISTÓRIA DO CONTATO

Os Arara do Laranjal são um povo de língua Carib situado à margem esquerda do rio Iriri, afluente do rio Xingu, a aproximadamente 100 km de distância da cidade de Altamira-Pará.

De acordo com Márnio Teixeira-Pinto (2002, p. 407), entre 1850 e 1964 “os contatos entre os Arara e a população regional das bacias dos rios Xingu e Iriri alternam-se entre encontros amistosos, trocas comerciais e conflitos esporádicos”. A partir de 1960, o contato com o branco ocorre de forma mais acentuada, consolidando-se de forma “pacífica” apenas entre os anos de 1981 e 1983.

Teixeira-Pinto compara duas versões do mito relativo à cosmogonia Arara, em dois momentos históricos diferentes, para mostrar como a história transformou o mito, de maneira a ser inteligível com o contexto presente. Essa história do contato e do mito nos traz também informações sobre a organização social Arara, o que será importante para tentar entender o cenário atual da construção da hidrelétrica de Belo Monte.

Muito resumidamente, uma primeira versão do mito conta que no início só havia céu e água separados por uma casca, onde

vivia a boa humanidade com a divindade *Akuandubo*, que comedia os atos dos homens com o tocar de sua flauta *tsinkore* e dava tudo o que precisavam para viver. Porém, o mau comportamento de alguns causou uma briga entre *ipari*² e fez com que a casca se rompesse. Com o rompimento da casca, alguns foram abandonados em pedaços de casca que caíram sobre as águas, levados a viver espacialmente separados na floresta do lado de fora do céu (lugar onde também vivem os seres maléficos). Nesta versão do mito, os brancos aparecem categorizados como seres maléficos, com um mesmo estatuto dos Kayapó e outros índios da região, com os quais as relações que os Arara estabeleciam eram na época conflituosas.

Depois de uma série de acontecimentos históricos, o contato com os Arara se estabeleceu de maneira pacífica, fruto de uma nova estratégia de atração do órgão indigenista, baseada na oferta de uma enorme quantidade de bens materiais e na não represália a ataques Arara, protegendo-os também de possíveis conflitos com outros brancos. Essa nova atitude do branco produziu uma nova interpretação de seu estatuto, em que sua generosidade, agora

2 “Grosso modo, a categoria denota relações de afinidade entre homens nascidos em grupos residenciais diferentes. Porém, é muito mais do que isso: categoria de pensamento central para sua visão de mundo, sua dinâmica social e suas estratégias políticas, *ipari* serve aos Arara como instrumento de definição de um imenso universo de sentido. Sua elasticidade permite articular planos distintos de existência e significação, nos quais se estabelecem dois diferentes princípios de apreciação relativos à conduta humana ideal, duas modalidades ou doutrinas de ação, enfim duas éticas diferentes: uma que se define pela imperiosa agressividade – modo exemplar de relação manifesto na história recente de contato com os brancos (mas não apenas aí, como se verá); e outra que se caracteriza pela urgente necessidade de uma convivência solidária que tenta banir a virtualidade dos conflitos – que é o espírito que regula as relações comunitárias intra-aldeãs e que, hoje, define também, no geral, os modos de interação ordinária com os brancos” (TEIXEIRA-PINTO, 1997, p. 32).

reconhecida, teve papel fundamental. Se primeiro eram vistos como seres maléficos com os quais não é possível estabelecer relações solidárias e generosas, agora são tratados como *ipari*.

Porém, essa mudança de estatuto do branco tinha que ser coerente com o que contavam os Arara. Assim, no mito de origem se passou a narrar o destino do branco e suas razões. Depois da quebra da casca do céu, conta o mito, os Arara caíram e foram abandonados pela divindade *Akuandubo*, tendo que roubar o fogo da lontra e aprender a fazer os bens materiais com o bicho-preguiça, enquanto os brancos ficaram ao lado dessa divindade provedora dos bens materiais, o que explica a enorme quantidade de objetos manufaturados de que eles dispunham.

Márnio Teixeira-Pinto fala, ainda, de um terceiro momento, em que, passando de Posto de Atração para Posto Indígena, os recursos que a Funai disponibilizava deixaram de ser abundantes e, conseqüentemente, os bens oferecidos aos Arara diminuíram consideravelmente, passando a ser apenas a administração de medicamentos e poucos recursos conseguidos com a administração da cidade de Altamira. Nesse mesmo momento, revelava-se as dúvidas quanto à construção de uma hidrelétrica na bacia do rio Xingu, com um grande reservatório anunciado, e às conseqüências desse projeto.

Essa nova relação foi demonstrando que o branco vinha agindo de forma egoísta, já que, apesar de terem os bens, não os queriam dar. Hoje essa relação parece ter se transformado, já que os Arara conhecem diversos tipos de brancos e com eles entretêm relações diversas: mantêm boas relações com uns em detrimento de outros. Por isso, no contexto etnográfico em que fiz a pesquisa, não é possível entender o branco de modo geral, como fez Teixeira-Pinto.

Assim, neste novo momento em que há uma diversidade de brancos – Funai, pescadores, missionários, professores,

técnicos de enfermagem, instâncias governamentais várias, antropólogos, e agora Norte Energia –, os Arara permanecem buscando estabelecer um sentido para tudo isso e decidir sobre o modo apropriado de lidar com cada um desses brancos. Nessas decisões, a capacidade do branco de acumular e ceder bens é sempre prevista, e sua vontade em efetivamente se engajar em relações de troca é importante fator de julgamento. A questão é saber como os Arara efetivam e reconhecem a troca, e em especial a troca satisfatória.

Então, pretendo esboçar as relações com a sociedade abrangente, com os diferentes grupos e discursos, quais as trocas envolvidas que proporcionam essa aproximação entre eles, ou seja, o interesse dos Arara nessa relações, e como essas relações marcam e transformam os Arara do Laranjal.

1.2 Os personagens do contato recente

O novo cenário que se apresenta é de grande confusão. Para elucidar este novo contexto, em que a construção da barragem foi aprovada e o canteiro de obras está em processo de construção, é preciso dizer um pouco dos principais grupos da sociedade abrangente com os quais os Arara mantêm contato. Será importante esta análise para mostrar como se constrói novos discursos, papéis e demandas, e os conflitos dessa relação étnico-política constituída por universos simbólicos e organização social diferentes.

Primeiro é preciso falar da reestruturação da Fundação Nacional do Índio (Funai), que ocorreu a partir do Decreto nº 7.056, assinado pelo presidente Lula no dia 28 de dezembro de 2009. A principal mudança foi a substituição das Administrações Executivas Regionais (AER) e Postos Indígenas por Coordenações Regionais e Coordenações Técnicas Locais. De acordo com o discurso oficial, essas mudanças tinham a função de aproximar o órgão e os indígenas. O que os Arara sentiram na prática foi

o oposto. Com esse novo decreto, os “chefes de posto”, que tinham o cargo de “zelar” e “organizar” a aldeia, foram retirados de suas posições. Essa mudança repentina promoveu e promove adaptações na ordem social, faz-se necessário cada vez mais que os Arara assumam suas relações com o branco sem um tutor (figura que o chefe de posto assumia).

A Funai é o órgão a quem os Arara sempre recorrem em caso de qualquer necessidade, quando há problemas de qualquer tipo, ou em serviços prestados a eles, aparecendo como o setor dos brancos para o qual os Arara dirigem as reclamações,³ com o qual os Arara estão sempre descontentes, expressando uma relação de dívida da Funai para com os Arara que parece não parar de se atualizar na história. Por que esse descontentamento permanente e está dívida eterna da Funai? A Funai dá, de uma forma ou de outra, serviços, e às vezes até bens industrializados, e os Arara dão o que em troca? É essa uma relação de troca? Ou o papel da Funai deve ser o de sempre dar – porque é essa a função dela? Foi um discurso incorporado dos brancos e agora procuram validar esse discurso sempre cobrando? É uma dívida eterna que se atualiza na ideia de um pacote contato – escola, saúde, bens industrializados, serviços?

É preciso lembrar que não são apenas os Arara que falam mal da Funai, mas os outros índios da região também, e muitos dos discursos são partilhados em estadias na Casa do Índio na cidade de Altamira, onde os índios da região ficam e mantêm conversas em português quando vão para a cidade.⁴ Atualmente, os demais

3 Digo reclamações porque as únicas vezes que os Arara falam bem da Funai é quando lembram dos tempos não tão antigos, principalmente lembrando do antigo chefe de posto, que viveu por lá por mais de 10 anos.

4 Principalmente nesse momento em que as lideranças indígenas estão passando mais tempo na cidade do que na aldeia, devido à enorme quantidade de atribuições necessárias para conseguir as “medidas compensatórias” da construção da barragem.

indígenas da região não são mais vistos como seres maléficos, mas enquanto “parentes”, com os quais é possível estabelecer relações de troca – de discurso, de objetos, de informações, etc.

Nesse novo contexto, a Funai continua sendo o alvo das reclamações, e a Norte Energia S. A. (NESA) aparece como um órgão distante dos Arara, com o qual eles mantêm apenas relações indiretas por meio da Funai. Às vezes dizem que se não fosse a Norte Energia agora eles iriam estar sem nada. Assim, os problemas da construção da barragem acabam indo para a Funai, como expressa a fala de um líder Arara:

se o dinheiro é nosso, por que tem que passar pela Funai? Eles tão querendo roubá da gente, eles acham que índio é burro, que a gente não sabe, mas já ouvi dizer que a Funai que que passa por eles pra eles pegá um pouco desse dinheiro, eles não são bobo, eles que ganha dinheiro também... e não é a primeira vez, a Funai já roubo muito dinheiro de índio, ainda mais antes quando a gente não sabia contá, não sabia qual que era nossos direitos.. dizem que todo mês vem dinheiro pra Funai e ela não manda pros índios, eles pegam tudo pra eles, isso já faz tempo, já faz tempo que eles não mandam mais dinheiro que a gente tem direito, um dia nois vai entra na justiça pra pegá todo esse dinheiro que nois tem direito. Por isso que a gente que escola, com a escola também a gente fica sabendo dos nosso direito, a gente aprende a reclamá, a faze as coisa pra ninguém roubá da gente.

Como podemos ver nessa fala, é preciso mostrar a importância que os Arara atribuem à escola e os diversos atores envolvidos nela (os professores não indígenas que nela atuam, funcionários da Secretaria Municipal de Educação, também os missionários, e eu, que cheguei para estudar a escola). Certo dia, um homem que se preparava para ser monitor da escola Arara, estudando no Magistério Indígena em Altamira, me disse

que queria aprender muita coisa de branco comigo, dizendo que, já que eu tinha vindo de São Paulo para trabalhar com a escola, ele queria *resgatar muita cultura do branco* comigo para ajudar o povo dele – qual cultura do branco é essa que eles querem resgatar? Por que é preciso resgatar a cultura? Continuou falando que a família dele era mais branca, porque conheceu o branco antes dos outros, e só depois se juntou aos outros Arara. O que é a escola para os Arara, então? Qual a importância dela? De acordo com essa fala e outras reunidas, a escola aparece como um lugar onde se aprende as coisas do branco, onde se *resgata* a cultura do branco, e ganha muita importância nesse momento.⁵

Além disso, falam também em resgatar a cultura Arara, o que vem de um discurso político de resgate cultural que funciona como um instrumento de defesa política de um povo representado enquanto uma unidade étnico-política, com o qual as lideranças Arara, representantes dessa unidade política frente ao outro, entram em contato com frequência nas reuniões em que participam junto com os diferentes brancos, discurso este que depois é repassado à comunidade. Isso se apresenta muito como a adaptação de um discurso político internacional,

5 A noção de resgate cultural chega aos povos indígenas desta região com grande intensidade nesse momento da construção da hidrelétrica. As lideranças Arara, depois que voltam de reuniões que participam com os brancos, transmitem por meio de reuniões na aldeia o que aconteceu nesses eventos. Dizem sobre a importância do resgate cultural e da afirmação da identidade cultural, por exemplo, em falas dirigidas aos pais, dizendo que eles têm que falar com os filhos na língua, e não em português, porque há muitas crianças que não mais querem falar na língua, só querem falar em português, e isso é ruim. Dizem que se as mães – muitas vezes direcionam o discurso às mães – não ensinarem a língua aos filhos, os Arara ficarão iguais a outros povos indígenas da região, que nem sabem mais a língua e estão agora tentando resgatá-la.

em que a cultura e a identidade indígena são utilizadas como um instrumento político.⁶

Hoje, os líderes dos Arara do Laranjal são os homens que melhor sabem ler, escrever e lidar com as coisas do contato, ou melhor sabem trabalhar com o sistema de referência da sociedade envolvente e com o Arara. São eles que participam das reuniões, em Altamira, Brasília, Belém, trazem as informações e explicam em sua língua para toda a comunidade; são eles que fazem o papel de intermediação entre Arara e sociedade envolvente, são eles que representam os Arara perante o Estado – são lideranças do contato, uma tarefa considerada difícil e que poucos querem assumir.

Essa nova noção de líder político que se constrói entra em choque com o modelo que os Arara sempre conheceram, constituído por grupos residenciais com autonomia econômica e política. Assim, as lideranças – criadas por uma necessidade de ordem externa e interna para lidar com o contexto – acabam sendo alvo de críticas e acusações dos que não são representados por eles, criando um palco de disputa política interna entre os grupos residenciais, com acusações de feitiçaria, roubos, descumprimento das normas de conduta, etc. Ou seja, há uma espécie de contradição entre duas lógicas distintas, em que a lógica externa, da sociedade abrangente, exige que se organizem enquanto uma unidade política com representantes, em oposição à lógica interna, que os divide em unidades residenciais autônomas.

Por mais que a liderança da comunidade se apresente como um cargo difícil que poucos querem assumir, os Arara disputam este cargo, haja vista que o cargo dá acesso a certos bens e serviços que vêm do homem branco. Assim, há diversas estratégias para conquistar a liderança, visto que alguns já começaram a preparar

6 Ver Carneiro da Cunha (2009) e Albert (1997).

suas crianças para o papel,⁷ principalmente nesse momento, em que ser a liderança é tratar das mercadorias que chegam à aldeia e lidar com os brancos enquanto um cacique, enquanto um representante de todos, o qual ganha certo status⁸ diferencial na sociedade.

Os misteriosos desaparecimentos de mercadorias e a divisão da aldeia em mais duas são consequências desse contexto de intenso contato promovido pela construção da hidrelétrica de Belo Monte. A enorme quantidade de bens que chegam todo mês à aldeia Laranjal é acompanhada da disputa por estes mesmos bens, provocando desconfianças de egoísmo entre grupos de *ipari*, o que contribuiu para gerar a divisão da aldeia, como um modo de fazer com que a relação entre eles não se torne mais tensa. Essas novas relações do contato vêm fazendo com que os Arara se reorganizem o tempo todo para se adequarem a esse momento que incita certos perigos, lembrando-os dos mitos e das consequências que eles sofreram e sofrem devido ao descumprimento do ideal de conduta moral Arara. Além de outras possíveis consequências, houve um caso em que um espírito maléfico anunciou que iriam destruir a aldeia, que seria o fim dos Arara.

Fruto dessas confusões e especulações, os Arara estão iniciando a construção de mais duas aldeias, como uma maneira de apaziguar e tentar resolver os problemas, conflitos e disputas que podem produzir temíveis consequências, mas também, por

7 Vide um pai que, junto com seu filho, foi morar com os WaiWai, para que ele pudesse aprender a religião e continuar estudando – dado que a escola na aldeia Laranjal só vai até o 5º ano. Este é o mesmo homem que me respondeu que escola é bom para formar cacique, quando lhe perguntei sobre a importância da escola.

8 Um dos líderes Arara era tratado por “senhor” por muitos homens. Digo “era” porque ele já foi tirado do disputado cargo, no qual ainda tinha esperança de se manter por uma validade dos brancos, dizendo que só iria deixar de ser líder quando a comunidade passasse rádio para a Funai, quando estivesse certo no papel.

uma série de problemas infraestruturais decorrentes do aumento populacional e da imobilidade. De acordo com os Arara, os lugares de fazer roça estão cada vez mais longe, a escassez de peixes perto da aldeia é incômoda, os lugares de caça também já estão distantes e a quantidade de caça precisa ser muito grande para que se possa dividir de maneira ideal. Desde o contato, quando se reuniram em uma única aldeia, esta é a primeira vez que se separam.

Tudo isso anda junto com certos preceitos que os missionários vêm incitando entre os Arara. Os missionários que atuam nessa aldeia são da missão evangélica conhecida como ALEM e foram trazidos para a aldeia por outro casal que já atuava desde o início do contato, mas que agora está mais ausente. De acordo com eles, era uma cobrança da aldeia por mais professores – função que exercem durante a noite na aldeia, para os que já terminaram a 4ª série. Construíram uma casa ao lado da casa do outro casal de missionários e passam alguns meses na aldeia todo ano, sempre levando muitos presentes e estabelecendo relações solidárias e generosas por meio de cafés, bolos e aulas. Muitas vezes, os Arara dizem que um dia vão virar “crente”, que é bom, “porque crente não bebe e não fuma”. Hoje, beber e fumar é visto como uma coisa muito danosa por todos, inclusive os que bebem, visto os prejuízos e as confusões que ocorrem quando compram bebida. Assim, os missionários ensinam também a “boa palavra” (como os Arara dizem), contando histórias da bíblia às crianças e a quem quer ouvir, falando sempre do que é certo e do que é errado, remetendo-se a Deus, ao Diabo e aos preceitos morais cristãos evangélicos.

Assim, os missionários demonstram uma conduta ideal de *solidariedade*, *generosidade* e constância e atribuem os presentes que dão à igreja, aos *irmãos*. Tudo isso leva os Arara a desejar ser “crente” e faz com que muitos pais incentivem seus filhos a se tornarem um “irmão”. Novamente, a análise de Teixeira-Pinto (2002) sobre a cosmogonia pode nos ajudar a entender essa aproximação também como uma estratégia política Arara, relacionada ao

momento em que o branco começou a ser tratado por *ipari* (com os quais é possível manter relações de generosidade e solidariedade), atribuindo-se a enorme quantidade de bens que possuía e possui ao fato de ter ficado ao lado de *Akuandubo* (o provedor dos bens materiais). Tudo indica que se aproximar dos missionários é também se aproximar de *Akuandubo* e dos benefícios que este pode prover – os bens materiais, a boa palavra, a conduta ideal.

Mas, afinal, quem é a Norte Energia Sociedade Anônima para os Arara do Laranja? Quem são esses que estão querendo construir uma barragem e dão em troca essa infinidade de coisas, desde barcos, motores, até produtos alimentares? Mais uma variável que leva a revisões e torções no modo Arara de ver os brancos e se relacionar com eles.

AS CONFUSÕES DA CONSTRUÇÃO DE BELO MONTE

No dia 25 de janeiro de 2012, aconteceu uma reunião na cidade de Altamira com a presença da Casa Civil, da Funai (contando com o presidente Márcio Meira e diretores de diversas Coordenações) e do Ministério Público Federal (com um procurador de Altamira), a Norte Energia (o presidente e representantes do setor que lida com as questões indígenas) e as lideranças indígenas. Foi realizada na Casa de Cultura em Altamira, em auditório com os representantes dos órgãos oficiais e o empreendedor compondo a mesa, e as lideranças sentadas no auditório. A reunião transcorreu em português, com discursos de todos os que compunham a mesa e algumas intervenções das lideranças presentes, que para tal tinham que pedir a palavra, e apresentava o posicionamento frente a pontos de pauta que teriam sido apresentados pelas lideranças via procuradores de Altamira,⁹ mas em discursos longos e técnicos. Lembremos

9 Em reunião anterior, ocorrida na Casa do Índio no mês de dezembro de 2011, a exigência do governo para o diálogo com os indígenas que ameaçavam a paralisação da obra era: abertura total – a todos que quisessem participar,

que o conhecimento dos Arara sobre a língua portuguesa, embora muito bom, é de quem a tem como segunda língua, e que seus conhecimentos da legislação, dos procedimentos burocráticos e das questões técnicas envolvidas no empreendimento são poucos.

A versão Arara sobre os acontecimentos da reunião não podia ser mais surpreendente: a de que todos decidiram fazer uma greve no lugar onde está sendo construído um dos canteiros de obras de Belo Monte. De acordo com os Arara, a greve tinha sido programada pela Funai, pela Norte Energia e pelas lideranças indígenas da região. O acordo a que tinham chegado era de que iriam fazer a greve para que a Norte Energia cumprisse com a palavra dada – realizar os projetos do Plano Emergencial e do Plano Básico Ambiental. Na greve, haveria café da manhã, almoço, jantar, e muitas mulheres, e poderia ir quem quisesse, pois quanto mais gente melhor seria para pressioná-los – isso tudo pago pela Norte Energia, inclusive o transporte de suas aldeias até o local da greve.

De acordo com os Arara, o branco está mandando presentes para agradá-los. Qual a contraprestação pelos presentes que estão recebendo da NESA? Oferta de comida, presentes, mulheres, em troca do quê? Estão recebendo os presentes de bom grado, muitas vezes reclamam que está faltando coisas, que não estão dando as coisas prometidas, mas o que os faz sentir-se no direito de cobrar? Estabelece-se uma relação de troca?

inclusive a imprensa –, ou reunião fechada, dentro da Casa do Índio, sem nenhum outro ator político que pudesse interferir. A segunda proposta ganhou, e a reunião ocorreu dentro da Casa do Índio, entre os representantes da Norte Energia e do governo, que tinham um discurso semelhante, e os indígenas da região de Altamira – sem qualquer outro órgão indigenista. A porta foi trancada, e só podíamos ver por sua abertura inferior em formato de grade, pela qual o que víamos parecia mais um cenário de guerra do que de reunião, já que estavam posicionados ao redor vários policiais federais armados com armas pesadas de guerra. A conclusão, podemos imaginar.

Os Arara, neste contexto, veem sua não resistência à construção da barragem como uma forma de contraprestação. Isso é validado pelo próprio discurso político internacional que, como diz Bruce Albert, “empodera” os indígenas, segundo o qual a terra é dos indígenas, o rio é deles, e se eles não quiserem a barragem é só protestar e lutar que conseguem barrar. É um discurso que ouvem o tempo todo e que é o discurso o qual incorporaram. A contraprestação é tudo isso: a liberação do rio, da terra, o direito indígena à própria cultura, o que Carneiro da Cunha (2009) traduziu muito bem na expressão “cultura para si”, enquanto um instrumento político. O direito de usar esses discursos mostra-os cada vez mais como sendo um mecanismo de defesa Arara, por isso é possível dizer que é uma moeda de troca, cuja matéria sai do próprio branco. Por isso “resgatar a cultura do branco” é um instrumento para conhecer seus direitos perante a sociedade envolvente por meio de uma ideia de identidade indígena Arara, uma cultura Arara.

Ainda há a ideia dos Arara, trabalhada já por Teixeira-Pinto (1997), de que os bens são uma forma de tentar reparar um erro “histórico” do passado marcado por relações conflituosas. Se até hoje cobram a Funai por não dar o que deve aos índios, podemos pensar isso como uma dívida que talvez nunca seja liquidada. Pois se antes a Funai tentava corrigir um erro “histórico”, agora ainda tem de corrigir novos “erros” que vem cometendo, atualizando uma dívida histórica no presente.

Nesse cenário, em que aparecem diversos atores da sociedade civil lidando com o branco, a Funai já não é quem dá os presentes, mas o intermediário da relação dos Arara com outros grupos. A NESA aparece como um parceiro da Funai, com quem os Arara querem manter relações diretas de troca, que não intermediadas pela Funai a qual, segundo os Arara, fica comparte dos recursos fornecidos a eles. Querem a Funai apenas nos serviços que deve prestar quando solicitados, como uma forma de se pagar a dívida “histórica”.

Todo esse movimento entre corpos e potências diferentes produz, entre os Arara, novos desejos, novas vontades, novos interesses, novos afetos. Os efeitos que se vê no cenário etnográfico, nas conversas, nas ações e nos motivadores destas estão relacionados, principalmente, a esse novo contexto histórico da construção da hidrelétrica, o qual é, como podemos ver, de um entendimento confuso – vide a versão Arara da greve. As mercadorias, as coisas do branco, parecem ser os elementos que os Arara buscam, mas os quais não produzem, que possibilitam a ligação entre esses interesses diversos.

A criação de lideranças que representem toda a aldeia e as disputas que permeiam, a exigência dos pais para que seus filhos frequentem a escola, o resgate da cultura do “branco” (para compreender o outro) e a dos Arara (para se constituir enquanto um corpo de direitos), os roubos de mercadorias, a divisão da aldeia, a aceitação dos missionários, tudo isso faz parte também de uma história de expansão da sociedade brasileira, na qual Belo Monte pode se tornar um monstro para os Arara, o qual se veste de branco, tem coisas de branco, mas que não é branco, quiçá mais um espírito maléfico que vem subindo o rio Iriri.

REFERÊNCIAS

ALBERT, Bruce. 'Ethnographic Situation' and Ethnic Movements: Notes on post-Malinowskian fieldwork. *Critique of Anthropology*, v. 17, n. 1, p. 53-65, Mar. 1997.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. “Cultura” e cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais. In: _____. *Cultura com aspas*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

TEIXEIRA-PINTO, Márnio. *Iepari: Sacrifício e Vida Social entre os Índios Arara (Caribe)*. São Paulo: Hucitec; Anpocs; Curitiba: Editora UFPR, 1997. 413 p.

_____. História e Cosmologia de um Contato: a atração dos Arara. In: ALBERT, Bruce; RAMOS, Alcida Rita. *Pacificando o branco: Cosmologias do contato no norte-amazônico*. São Paulo: Editora da UNESP/Imprensa Oficial, 2002.